

# Inflação é questão de tempo

Rio — Quando saia da Escola de Guerra Naval, no momento em que parava o carro oficial para uma rápida entrevista aos repórteres, a ministra Zélia Cardoso de Mello teve uma experiência extra-protocolo das mais agradáveis. A presença de uma fã mirim, a menina carioca Carolina Valdeck, de apenas sete anos, que pediu aos seguranças para entrar no carro. Atendida, ela conheceu a ministra, e as duas ficaram por mais de um minuto de mãos dadas, conversando.

Para a ministra Zélia Cardoso de Mello, conforme dissera à menina Carolina, "está tudo bem". E a queda da inflação, como ressaltara aos alunos da Escola de Guerra Naval, "é uma questão de tempo". E os bancos terão de entender isso. Caso contrário, mais enxugamento monetário acontecerá, desaquecendo mais e mais a já bem morna economia do País. Segundo sua análise, a inflação não está caindo devido a indexação informal da economia, preços, lucros, salários e serviços. Mas ela espera as mudanças, para antes do final do ano.

E terá de ser já agora em se-

tembro, porque a carta de intenções com o FMI irá estabelecer parâmetros duros e inalteráveis, para o desempenho da economia. Caso contrário, o Brasil terá de pedir perdão ao FMI, e o acordo agora em gestação poderá até ser desconsiderado. Lá por dezembro, provocando um impasse nas futuras negociações com os bancos privados credores de grande parte da nossa dívida externa, hoje em cerca de 114 bilhões de dólares. E a ministra da Economia não quer nem pensar na hipótese de mais um waiver (perdão).

Para ela, conforme afirmou aos jornalistas, no rápido contato, "os efeitos das políticas monetária e fiscal podem demorar mais ou menos tempo, mas sem dúvida, virão a se concretizar, e a queda de preços será então inexorável". Sobre os preços, entretanto, ela não se disse preocupada. "Nós entendemos que nos dois últimos meses conseguimos uma vitória: mostrar para os brasileiros que uma inflação não tem sempre que estar subindo. Isso para nós é uma grande vitória". E aproveitou para ironizar os colegas economistas, que "costumam antecipar resultados que nunca se concretizam".